

A REDEMOCRATIZAÇÃO DO RISO: AS CHARGES DA GRANDE IMPRENSA NA REABERTURA POLÍTICA (1979-1984)

FÁBIO DONATO FERREIRA¹;
ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES²

¹Universidade Federal de Pelotas – fdonatoferreira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aristeuufpel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A presente proposta busca estudar e analisar as charges produzidas pela grande imprensa no período de redemocratização do país (1979-1984) durante a ditadura civil-militar que assolou a nação por mais de 20 anos. Grandes veículos de comunicação possuem hoje acervos digitais, ou Projeto Memória e nele, busco a fonte principal do meu trabalho, o estudo do humor nos últimos anos do regime, e como artistas começavam a se expressar com mais crítica, sátira e liberdade sem cair na censura.

A crítica ácida, política ou pessoal que os desenhos trazem com simplicidade e criatividade representa o registro de um protesto que consegue ser formal e, ao mesmo tempo, descontraído, alcança as massas e é na maioria das vezes democrático nesse riso, ou seja, sua expectativa é tornar fácil o entendimento para as mais diversas camadas da sociedade.

Grande parte da imprensa colaborou com a ditadura civil-militar de 1964 de maneira intensa. Os censores trabalhavam dentro das redações dos jornais, alguns jornalistas faziam muitas vezes o papel dos policiais, sem muita pressão, denunciando colegas, assim como policiais viraram supostos jornalistas para manter a "ordem". As grandes famílias proprietárias de jornais e canais de televisão tinham seus próprios "cães de guarda", termo usado por Beatriz Kushnir: "A Folha [de São Paulo] tornou-se exemplo de colaboracionismo da imprensa com o poder autoritário do AI-5. Colaboravam tantos jornalistas como donos de jornal. E foi de dentro da redação que tudo aconteceu." (KUSHNIR, 2004, p. 232). Com a reabertura, a censura se esvai aos poucos, mas a imprensa depois de jogar com os militares por 20 anos saberia como lidar com a tal "liberdade"?

Henri Bergson (1993) nos apresenta a importância da caricatura para o cômico: A arte do caricaturista consiste em captar esse movimento às vezes imperceptível, e em torná-lo visível a todos os olhos mediante ampliação dele. Para parecer cômico, é preciso que o exagero não pareça ser um objetivo. Rimos então de um rosto que é por si mesmo, por assim dizer, a sua própria caricatura. (BERGSON, 1993, p.17). A figura que é alvo da caricatura necessita de identificação imediata, alguém que o semblante já esteja no imaginário popular.

2. METODOLOGIA

Para a pesquisa das charges, preciso de um instrumental analítico apropriado, uso o do autor e pesquisador Luiz Gonzaga Motta (2013) que em sua pesquisa sobre narrativas, desenvolveu um diagrama para observar os níveis de narrações jornalísticas. Dentro de sua obra *A Análise crítica da Narrativa* (2013), Motta cria um modelo de três narradores: O primeiro O Primeiro narrador, que seria o veículo jornalístico que o leitor tem acesso, posição editorial e histórico. O

Segundo narrador que seria o artista que faz sua crítica humorística, qual a relação e tempo do ilustrador com periódicos em trabalhos anteriores, e por último o Terceiro narrador, que seriam os personagens dentro da história, caricaturas de políticos ou figuras de notoriedade, também passando por personagens fictícios em determinada situação cotidiana de fácil reconhecimento. Onde os três narradores, nessa ordem, transmitem a ideia, em conjunto, sobre a mensagem tanto do grupo editorial, quanto da equipe de jornalistas e artistas que estão no jornal.

Com o fim do AI-5 em 1978 muitos jornais se sentiram mais abertos a criticar o regime, embora sempre houvesse uma autocensura dos próprios artistas ao retratar os problemas políticos ou do dia-a-dia. A economia estava em crise em vários setores e o descontentamento com o governo fez com que diversos movimentos buscassem pelos seus direitos como as greves do ABC paulista, e o movimento Diretas já que pedia o fim do militarismo no poder.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Já foram catalogadas charges dos periódicos *A Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*, nos anos de 1979 a 1983 o compilado de anos dos periódicos pode ser acessado pelo domínio comprado por cada revista ou jornal. Com estes dados já é possível encontrar diferenças entre o editorial das mídias, sendo que o *JB* critica o governo com mais afinco desde antes do término da censura pelo Ato Institucional Nº 5, como pode ser notado na charge abaixo. Já a *Folha* é mais discreta em suas críticas, demorando até para retratar o então presidente João Batista Figueiredo em suas páginas. O jornal *Estado de São Paulo* e a revista *Veja* são os próximos a serem analisados.



Figura 1: *Partidos horrorosos*
Fonte: *Jornal do Brasil* 12/06/1979

Acervo:

<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19790612&printsec=frontpage&hl=pt-BR>

4. CONCLUSÕES

Com essas premissas busco a redemocratização na grande imprensa, que somará com os trabalhos já feitos com a "imprensa marginal" no período do governo militar, que já foi explorada com sua voz crítica nos periódicos mais subversivos. A crítica aberta a ditadura começa a mostrar seu declínio deixando evidente os problemas que uma provável democracia assumirá.

A análise apresentada neste trabalho é parte de uma pesquisa maior realizada à confecção da dissertação de mestrado em História desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPel. Neste momento, é possível apontar como conclusões, ainda parciais, que os periódicos tinham diferenças ao criticar o regime, mas que o descontentamento pelo atual governo era geral e não escapava de nenhum veículo de comunicação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

ANKERSMIT, Frederik R. **A escrita da história: a natureza da representação histórica**. Tradução Jonathan Menezes et. al. Londrina: EDUEL, 2012.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre o significado do cômico**. 2. ed. Lisboa, Guimarães Editores, 1993.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda – Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

Documentos eletrônicos

Acervo Digital. **Folha de São Paulo**

<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1979>

<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1980>

<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1981>

<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1982>

<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1983>

<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1984>

Acervo Digital. **Revista Veja**



1979

<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/search?endDate=07%2F10%2F2017&startDate=11%2F09%2F1968&term=1979>

1980

<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/search?endDate=07%2F10%2F2017&startDate=11%2F09%2F1968&term=1980>

1981

<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/search?endDate=07%2F10%2F2017&startDate=11%2F09%2F1968&term=1981>

1982

<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/search?endDate=07%2F10%2F2017&startDate=11%2F09%2F1968&term=1982>

1983

<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/search?endDate=07%2F10%2F2017&startDate=11%2F09%2F1968&term=1983>

1984

<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/search?endDate=07%2F10%2F2017&startDate=11%2F09%2F1968&term=1984>

Acervo Jornal do Brasil:

<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&hl=pt-BR>